



# CARTA A UMA IRMÃ<sup>1</sup>

## LETTER TO A SISTER

---

*Fabiana Passos de Melo<sup>2</sup>*

---

*Conto submetido em: 20 set. 2020*

*Data de aceite: 17 nov. 2020*

*Data de publicação: 17 dez. 2020*

**Acesse este conto pelo QR Code:**



Estamos na última semana de maio de 2020. Depois de dois meses, a divulgação do número de mortes diárias causadas por uma doença se torna rotina e entra para o rol de situações que o ser humano afasta de sua responsabilidade e acrescenta ao complexo e natural ciclo da vida. Animais somos todos nós; contudo, neste seleto grupo — dos seres animados —, nós, os seres humanos, ocupamos o espaço da elite: somos mais capazes que aqueles que não têm a razão como guia, ao menos não a razão que entendemos ser algo que nos legitima no comando da sequência caótica da vida. Eu sei que você não concorda com isto, com a vida ser caos. Respeito. Ou melhor: tolero o seu entorpecimento. Talvez até inveje sua embriaguez, ela é barata e não faz urinar. O álcool tem sido inútil ultimamente.

Esse era o começo da carta que eu estava lhe escrevendo quando completamos dois meses de distanciamento social. Eu experimentava a solidão e senti vontade de conversar com você. É engraçado, mas sei que as

---

<sup>1</sup> Texto indicado pela Profa. Dra. Verônica Daniel Kobs, Centro Universitário Campos de Andrade, Curitiba-PR, Brasil.

<sup>2</sup> Doutoranda do Curso de Letras (Estudos Literários) da Universidade Federal do Paraná, Curitiba-PR, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/1978879727676510>

palavras que eu colocava no papel eram provocações. Sabe o que mais me incomoda? Saber que você apenas riria. O meu drama particular era um esconderijo para uma misantropia escolhida, você dizia. Talvez. Seria uma carta de reconciliação? Fazia tempo que não conversávamos, alguns anos. Nós nunca nos desentendemos, é verdade. Não houve discussões, você apenas ignorava meus momentos de ira. O silêncio acabou sendo o campo da batalha não travada. Seria até possível conviver com as cicatrizes do enfrentamento, porque são apenas marcas. O que torna a vida uma constante dor, agora, é essa ferida que não desponta sobre a pele, das palavras não ditas.

Acabei não finalizando a carta. Achei-a piegas quando reli minhas considerações filosóficas e sabia que, no fundo, eu só queria falar com você, mas não tinha assunto. Confesso que, no interminável mês de agosto, retomei a escrita daquele desabafo: uma linha a mais, só para dizer que talvez fosse bom que nos encontrássemos no fim do ano. Não terminei a carta. Passados seis meses de vida virtual, já nos acostumamos a essa rotina e o meu assunto, o meu espanto com a natureza humana, não tem mais relevância.

Na sexta-feira passada, eu observava a montagem das arquibancadas para o desfile do Dia da Independência pela janela. Era fim de tarde. Quando o telefone tocou, logo vi que a ligação era do seu número. Achei que você estivesse telefonando para tratar da festa de Natal. Você tinha comentado com a mãe que viria para cá em dezembro. Também lembrei que queria te perguntar se dava tempo de trocar a cor das toalhinhas de crochê. Eu tinha escolhido o lilás, mas, pensando bem, o amarelo ficaria mais suave na minha sala. Se já estivessem prontas, não teria problema, gosto do lilás.

A voz ao telefone não era a sua. Era alguém que trabalhava com você. Não me lembro do nome. Ele estava com você dois dias antes, quando o acidente aconteceu.

Você morreu.

Teve febre, foi internada e entubada.

Fizeram tudo que era possível.

Eu liguei para a tia, porque não sabia o que fazer.

— Tia, as notícias não são boas. Minha irmã morreu.

— O que aconteceu?

— Essa doença...

— Olha... sinto muito, não sei o que dizer. Que tristeza! Ela estava se cuidando?

— Mesmo jeito.

— Pois é, está aí, morrem os que têm problema de coração, obesos, diabéticos. Tem que se cuidar. O seu primo tem um amigo que morreu do

vírus porque era diabético. Parece que era cardíaco também. Essas pessoas têm que se cuidar!

Eu desliguei o telefone. Não tive ânimo de contar que você tinha saído para ir ao supermercado – eram as únicas saídas que fazia – e que sofreu um acidente. Uma colisão banal de veículos, alguém que se esqueceu de frear numa esquina. Estragos pequenos. O motorista do outro carro foi atencioso com você, que felizmente não se machucou. Conversaram e combinaram sobre o conserto. Seu colega me contou que ele tinha um sorriso bonito e que, enquanto se desculpava pelo acidente, mordida os lábios, envergonhado.

No sábado, quando teu corpo chegou, a mãe não disse nada. O pai chorou muito. Eles, velhos, estavam ali tentando entender por que não cuidaram de você. No domingo, o pai assistiu ao culto pela internet. A mãe fumou bastante. Álcool para mim? Não; já disse, é inútil.

Seus gatos chegaram uma semana depois. A cachorrinha está com seu filho. Mandaram-me também duas toalhinhas de crochê lilás e a mãe me deu mais duas verdes, que eram para ela. A gente não sabe o que fazer com os seus livros. São tantos. Já estão vendendo panetones nos supermercados. Parece que logo teremos vacina. Estão falando que ainda vamos um bom tempo usando essas máscaras. A Europa vai entrar no inverno logo, está em alerta. Faz calor em Curitiba.